

RESENHA | BOOK REVIEW

Árduos Caminhos da Volta

Árduos Caminhos da Volta. Tradução: Grupo de Tradutores de Ídiche da Universidade de São Paulo. São Paulo: Senac, 2015

Gabriel Steinberg*

Este livro reúne vinte e um contos produzidos em solo israelense, aqui traduzidos para o português pelo Grupo de Tradutores de Ídiche da Universidade de São Paulo, sob a supervisão de Genha Migdal. O objetivo deste grupo desde a sua constituição é resgatar as raízes históricas e sociais da cultura ídiche e torná-la acessível ao público brasileiro, mediante o trabalho de tradução de obras literárias escritas tanto no Brasil quanto em Israel. Assim, o livro de contos aqui apresentado, foi editado em Israel em 1988, por ocasião do 40º aniversário da proclamação de independência, e ele se propõe a apresentar a transição das vivências existenciais e culturais dos judeus da Europa Central e Oriental, berço do desenvolvimento da cultura ídiche ao longo de mais de oito séculos, para uma nova realidade. Os autores dos contos sobreviveram o Holocausto e migraram para Israel onde se somaram a milhares de outros imigrantes na luta pela construção de uma nova identidade. Constituíram uma renovada existência, e nela passaram a dedicar-se a escrever em ídiche, sua língua materna, para apresentar uma sociedade de operários e trabalhadores, de profissionais liberais e de soldados, de presidiários e de camponeses, ou seja, um povo que após quase dois milênios de dispersão voltou a ser dono de sua própria trajetória.

Variando da abordagem emotiva à divertida, o conteúdo do livro narra o mundo vibrante de um povo que, golpeado pela tragédia na Europa, inicia um novo percurso em Israel. Ali, os sobreviventes da guerra e seus descendentes nascidos após o conflito, somaram-se aos judeus que haviam fugido da Europa antes mesmo da grande hecatombe, mostram uma nova realidade: uma sociedade que alcançou a normalidade, um país que, mesmo castigado por novas conflagrações militares, vive um cotidiano em que a língua hebraica tornou-se oficial e é o idioma do renascimento nacional. Os falantes do ídiche, chegados de um mundo

* Professor de Língua Hebraica na Universidade de São Paulo.

destruído pela guerra, descrevem uma sociedade movida pelo anelo de criar um modelo para todo o povo judeu. Este objetivo implicou a adoção do hebraico, a língua que remetia ao passado das glórias do período bíblico, como idioma da pátria judaica renascida. Os construtores desse projeto, em sua maior parte oriundos da Europa Central e Oriental e falantes do ídiche, relegaram essa língua e optaram pelo hebraico como um dos mais importantes símbolos do renascimento nacional. Se por um lado a escolha do hebraico foi deliberada, por outro o mundo narrado em ídiche era parte constituinte da identidade desses imigrantes que se incorporaram à empreitada sionista em Israel.

A convivência entre o hebraico e o ídiche foi difícil ao longo das primeiras décadas da independência. O ídiche foi associado pelos ideólogos da época à vida diaspórica e a todas as humilhações que essa existência implicou na vida do povo disperso pelo mundo e carente de uma pátria. Mordeckhai Iossef Khelmish, um dos autores, expressa com amargor essa constatação quando diz que no país criado pelo esforço de todos os judeus, o ídiche era visto com menosprezo: “Só um idioma é por nós ignorado, quando se trata de premiar seus criadores e suas obras. Justamente não é um idioma estrangeiro, ao contrário: ele é todo judaico, até no nome”.¹ Também é interessante constatar que num dos contos, os chamados “mitos sionistas” que segundo certos historiadores contemporâneos compuseram a história oficial a respeito da criação heróica de Israel, e que nas primeiras décadas de sua existência impuseram uma atmosfera em que se rejeitava a vida da diáspora e até se marginalizava os judeus de lá, entre outras coisas por terem trazido para a pátria renascida justamente a língua predominante na sociedade judaica européia, e esses mitos aparecem na narrativa em ídiche. No conto Na transição dos tempos, é possível constatar a respeito do personagem Khedva a seguinte observação: “Antes disso havia lido que na época de Hitler os judeus da diáspora se deixaram levar para o abate como carneiros. Judeus na diáspora sempre foram pessoas ignóbeis que viviam do ar. Pessoas melhores tinham vindo para a Palestina com o propósito de se tornar seres humanos melhores”.²

Mas deixando o sentimento de frustração de lado, os autores dos contos reconhecem que a existência de Israel mudou também suas vidas: não mais perseguições, não mais humilhações, não mais *pogroms*. Assim, no conto Mamãe não mais chorará, encontramos a seguinte afirmação: “Aqui não se arrancam crianças judias das mãos de suas mães”.³

¹ *Árduos Caminhos da Volta*, p. 21

² *Ibidem*, p. 229

³ *Ibidem*, p. 78

Em Israel os autores e seus filhos tornaram-se soldados e a realidade do conflito com os países árabes que compõe a nova existência, permeia o mundo de seus personagens ficcionais. Dália, protagonista criada por Faivl Ziguelboim, retrata em ídiche esse conflito: “A Guerra dos Seis Dias, o milagroso triunfo, as tragédias domésticas com viúvas jovens. Os jornais cheios de necrológios. Tudo isso me pesou e me tornei outra”.⁴ Guerra, desenvolvimento e criação se entrelaçam nas narrativas no país independente do qual os autores também se orgulham como se observa no conto Boas-Festas: “Uma nova vida, entre *kibutzim* e *moshavim*, nos quais trabalham tratores, e irrigadores regam novos campos cultivados com frescor. Carros correm em ambos os sentidos no caminho recém pavimentado”⁵, ou ainda no conto Amós, encontramos a seguinte constatação: “Na praia de Tel Aviv jovens correm ruidosamente para lá e para cá brincando com a bola. À beira da água, pés descalços de crianças chutam a areia molhada. Cabeças florescem com chapeuzinhos multicoloridos”.⁶

Árduos Caminhos da Volta, ao brindar o leitor brasileiro com a oportunidade de conhecer contos escritos em Israel em língua ídiche, alerta para a necessidade de se proceder ao resgate de registros feitos numa das línguas judaicas mais importantes durante os séculos da diáspora, tão fundamental para a memória da trajetória histórica milenar do povo judeu. O leitor de língua hebraica se surpreende ao descobrir o mundo vibrante do surgimento e consolidação do Estado de Israel narrado em ídiche, língua que injustamente foi relegada e propositalmente apagada. O ídiche absorve nesta coletânea de contos uma nova realidade; ele serve como instrumento de veiculação do atual cotidiano israelense. Desse modo, o hebraico e o ídiche se reconciliam para mostrar aspectos inovadores da existência judaica contemporânea.

⁴ *Árduos Caminhos da Volta*, p. 165

⁵ *Idem*, p. 169

⁶ *Idem*, p. 175